



UM EPISÓDIO NO MAR EM QUE SE FALA A VERDADEIRA LINGUAGEM DA VELA

JOSÉ AGOSTINHO DE SOUSA MENDES
Capitão-de-Mar-e-Guerra
(Marinha de Guerra Portuguesa)

Certo domingo, de abril de 1873, navegava a Corveta portuguesa *D. João I*, ao largo da costa oeste africana e do Golfo da Guiné. O tempo era de calmarias e

por isso passavam já três semanas que ultrapassara o Equador.

O sino acabara de bater as quatro badaladas duplas, que correspondiam às oito horas da manhã.

Os gageiros já haviam informado que na mastreação não havia novidade.

A baldeação estava concluída e só dois moços enxaguavam com lambazes a água que ficara no trincaniz.

Nos escaleres, os guardas arrumavam as sarretas e demais palamentas e rondavam as fundas, que durante a noite, com o balanço, tinham brandeado um pouco.

O oficial de serviço à ponte, ao render o quarto d'alva, subiu para a plataforma do catavento e chamou: — “Oh do leme, onde está?”

— “Sudoeste quarta e três quartos a oeste” — respondeu aquele.

A barca deitara duas milhas apenas.

A corveta vinha no balanço a sotavento e as gáveas batiam algumas vezes de encontro aos masta réus, produzindo aquele som monótono e particular, que tão bem se casa com o ranger do navio e arvoredo.

— “Larga sobre e giba. Caça, iça e ala braços a sotavento” — brada o oficial de quarto.

O guardião (mestre) apita e a manobra começa a desenrolar-se. O guarda-marinha que estava à amura grande, rapaz de primeira viagem que saíra da escola para fazer tirocínio, no lugar do sobre de proa não faltou a nenhum dos preceitos e fê-lo com tanto rigor e escrúpulo, como se de manobra arriscada e importante se tratasse.

— “Guardião!, mande pôr os cabos em baixo, apite a limpar os amarelos e a ronda que vá chamar o corneta, para depois tocar à faxina de bateria” — continuou o oficial, demonstrando na seqüência das suas ordens, a atenção e eficiência a que a sua função obrigava.

Vieram os encerados e começou a faxina, mas os varões da meia laranja e a divisa “A pátria honrai que a pátria vos contempla” teimavam em ficar com certa cor acobreada, resultante do abundante cacimbo que caíra durante a noite.

Qualquer estranho à vida de bordo se admiraria ao ver o cuidado com que na Marinha se porfiava em que as escoteiras e a mesa das papoulas andassem perfeitamente polidas, que as calhas das adriças e os amarelos das braçolas parecessem

espelhos, que os gatos das talhas, as bragas dos vergueiros, os olhais, os arganés e os mil objetos que guarneciam as toldas daqueles navios, andassem igualmente tratados, rivalizando em asseio e boa ordem, mas, na realidade, a vida a bordo era assim naqueles tempos.

O mesmo observador, perguntaria a si próprio: — Para quê tanto trabalho, em coisas tão insignificantes?! — Acharia porém explicação, não só no aspecto de ordem e eficiência que é apanágio de um navio de guerra, mas também na necessidade de manter ativa uma guarnição numerosa, em longas viagens por mares distantes.

A faxina da artilharia também já começara e o oficial de quarto vigiava com atenção o horizonte, onde a nordeste e distante havia ameaça de trovoadas.

De repente, vinda do castelo a voz sinistra “Homem ao mar por bombordo!”, a guarnição corre à borda, tentando identificar o naufrago.

— “Leme de ló, ala grande, gávea a barlavento e folga as escotas de proa!” — grita o oficial imediatamente.

A manobra foi rápida e o navio atravessou. Carregaram-se os papafigos devagar, com a pouca gente que ficara às obras, porque a outra parte do pessoal acorrera à borda e às mesas, lançando à água xadrezes, bóias de salvação e cabos da amurada.

Por iniciativa própria, atiraram-se à água, sem perda de tempo, um 1º grumete, o gageiro do grande e um grumete da Madeira, que mal se viu fora do navio, desistiu regressando a bordo.

Veio a saber-se que tinham caído da proa dois segundos-marinheiros, um dos quais caboverdeano. Fosse o balanço que lhes fizera perder o equilíbrio, rolando eles pelo castelo mal enxuto, fosse o resultado de luta ou brincadeira, o certo é que o primeiro foi avistado de braços abertos, a ir para o fundo, e o segundo a esbracejar pela popa, quase desfalecido.

Como a ondulação era larga e o andamento da corveta quase nulo, em poucas braçadas os nadadores conseguiram alcançar este último, que se agarrou ao fiel de navalha que o grumete salvador trazia

ao pescoço, por pouco obrigando-o a mergulhar. Se não fora o gageiro assistiu-lo rapidamente, talvez tivesse havido três, em vez de dois náufragos...

De bordo lançaram-lhes cabos, a um dos quais se agarraram. Podiam considerar-se já salvos, mas, por a gávea ter ficado mal braceada pelo redondo ou as escotas de proa mal folgadas, o caso é que fazia alguma corrente de água e os homens dificilmente se agüentavam.

— “Ala a retranca a meio. Ala grande e gávea a barlavento. Arria o primeiro escaler, salva ali aquela gente” — ordena mais uma vez o oficial de quarto.

O pessoal foi lesto a saltar no escaler mas, como muitas vezes acontece nestas ocasiões, foi gente a mais e remos a menos.

Largar as fundas, tapar a boeira, safar as talhas da trincheira, levou algum tempo... Enfim, o escaler estava pronto e o guardião apitou a arriar.

— “Agüenta, agüenta, volta às talhas e não arria nada” — apressada ordem surgiu de novo.

O cabo a que estavam seguros era o tirador da talha de ré, com o chicote do qual se tinham amarrado, para melhor poderem esperar socorro.

Na atrapalhão do momento, houve até quem se lembrasse de querer cortar a talha do escaler, mas ainda lhe puderam acudir a tempo e evitar maior desgraça.

Para resolver a rascada, o guardião, homem robusto e bom marinheiro, suspendeu-se de um cabo fora da borda e com uma força hercúlea agüentou os três homens em perigo.

— “Agarrem-se a mim, larga o tirador da talha e arria o escaler” — gritou ele a seguir.

E assim foram salvos...

O náufrago “pescado” seguiu em braços para um catre na coberta e foi entregue aos cuidados do médico, enquanto os

seus salvadores se dispunham para continuar a faxina de bateria, com o modo mais natural deste mundo, como nada de anormal se tivesse passado.

— “Pobre Cabo Verde!”. — Quantas vezes o vimos, cheio de vivacidade, a sotavento do gurupês, a sair ao pau da bujarrona para abafar a vela! — diziam.

Parecia impossível, ninguém queria acreditar que ele tivesse morrido.

A guarnição não se tirava da borda, esperando vê-lo surgir, à tona de água, de um momento para o outro.

— “Lá está ele! — bradaram do tombadilho, apontando para um ponto negro, que se balançava nas ondas a alguma distância, pela popa do navio.

O escaler foi arriado, mas infelizmente não foi encontrado o náufrago, limitando-se a recolher as bóias e xadrezes, atirados à água para eles se agarrarem.

— “Folga a escota da retranca, caça à proa, alivia o leme e ala grande e gávea a sotavento” — e o navio começou a ganhar seguimento.

A trovoada aproximara-se e o comandante, então já na ponte, mandou: — “Obras de sobre, giba e joanetes. Arria e carrega. Ferra. Carrega a vela de ré.”

Não tardou que o horizonte, por barlavento, tomasse a cor do chumbo. Ribombavam trovões, faiscavam raios e grandes aguaceiros começavam a cair sobre o navio.

— “Arria gáveas e ala braços pelo redondo” — ordenara mais uma vez o comandante.

Quando a chuva passou, o comandante mandou formar a guarnição na tolda e promoveu por distinção, a segundo-marinheiro, o 1º grumete que colaborou no salvamento. Mais tarde, o Governo de Sua Majestade concedeu-lhe, bem como ao gageiro e guardião, a medalha humanitária.

Era assim a Marinha de vela do século XIX...